

A Cidade

11/6/1989

Celebrado acordo entre usineiros de Pernambuco e trabalhadores nas usinas de açúcar

RECIFE (AJB) — Contrariando todas as expectativas os usineiros de Pernambuco, tidos como os empresários mais conservadores do país, celebraram um acordo trabalhista com a CUT — Central Única dos Trabalhadores — através do Sindicato dos Trabalhadores nas Usinas de Açúcar de Pernambuco, há dois meses controlado pela central. O acordo, no qual os trabalhadores "conseguiram quase tudo que queriam" — como comemorou o presidente do sindicato, Moab Oliveira, ligado à CUT, tem 96 cláusulas e surpreendeu a Delegacia do Trabalho, que foi intermediadora.

O presidente do Sindicato dos Usineiros, Gustavo Maranhão, disse que não acreditava em resultado tão bom há 40 dias, quando as negociações foram iniciadas: "Eu temia muito — diz — pois com a entrada da CUT no sindicato pensávamos em problemas. Tudo acabou bem. porém, o que mostra que os usineiros não são o que falam deles no sul do país" — concluiu. Gustavo diz que "os empregadores deram o máximo que podiam e o mínimo que os trabalhadores poderiam aceitar".

Acostumado a negociações — este ano vai negociar com cinco categorias de trabalhadores vinculados às usinas e aos engenhos pernambucanos — Gustavo Maranhão diz que quem menos se beneficiou no ano passado entre os trabalhadores das usinas foram os motoristas que entraram em greve: "Eles decretaram greve mas não tiveram condições de mobilizar a categoria e ficaram mal. Depois que o movimento fracassou acabaram tendo que aceitar um acordo ruim para eles".

O acordo celebrado entre os usineiros e os 35 mil trabalhadores das 42 usinas e destilarias de álcool do estado, garantiu um reajuste de 44 por cento nos salários retroativo a maio e mais 15 por cento a partir de junho, a estabilidade dos delegados e representantes das comissões de negociação, a liberação dos diretores do sindicato para participação em seminários e cursos e a estabilidade das gestantes.

O presidente do sindicato dos trabalhadores, Noab Oliveira, só não gostou do não atendimento ao pleito de mudança da data base de 1º de maio para 1º de outubro. É que em outubro as usinas estão moendo cana e em maio estão paradas, o que reduz o poder de fogo dos trabalhadores.

— De qualquer forma — afirma — conseguimos vincular os nossos salários aos dos trabalhadores rurais das usinas que fazem seu dissídio em 1º de outubro. Isso significa que se eles conseguirem um aumento maior do que o nosso, teremos mais um reajuste em outubro". Noab agora vai reunir a categoria para oficializar o acordo feito em Recife.

(16ª página)